

JOGOS DE PRAZER

VIRGÍLIO DE LEMOS & HETERÓNIMOS:
BRUNO DOS REIS, DUARTE GALVÃO E LEE-LI YANG

POR
VIRGÍLIO DE LEMOS

I



ESCRITORES DOS PAÍSES
DE
LÍNGUA PORTUGUESA

40

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

2009

Título: Jogos do Prazer
Virgílio de Lemos & Heterónimos: Bruno dos Reis,
Duarte Galvão e Lee-Li Yang
Vol. I

Autor: Virgílio de Lemos

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Revisão: Lúcia Reis

Tiragem: 500 exemplares

Data de impressão: Novembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1814-1

Depósito legal: 302 010/09

UMA POÉTICA MÚLTIPLA

Para iniciar uma reflexão sobre a poética de Virgílio de Lemos, evocamos o Oriente, através da figuração de Shiva, deus da criação-destruição, um transformador, que constrói o mundo dançando, marcando o ritmo com os pés, e segurando numa das mãos um pequeno tambor, que simboliza o som do Om, som da criação, e na segunda mão uma chama, enquanto os outros braços dão a impressão do movimento próprio de um dançarino cósmico. Uma espécie de «D. Bailador-Bailarino», para utilizar um título do poema de Reinaldo Ferreira, ou segundo as palavras de Américo Nunes, um dos estudiosos da sua poesia: «Um corpo dançante, criativo. Uma poesia convocada para evocar o Amor, sem se esquecer de si própria, a poesia. Vivificante matéria, errância e magia da palavra no exorcismo da morte.»¹

Virgílio de Lemos é um criador-poeta no sentido pleno das palavras. Nele todas as formas de arte conjuram para uma totalidade: o poema. E a poesia é um confronto criador entre a vida e o sonho, entre o real e a imaginação, entre o social e o universal. Virgílio de Lemos é a sua poesia.

ACESSÍVEL E NUA, POESIA

Sou eu, sou igual, sou diferente
sou o real e o ausente

¹ In prefácio de Lisboa, *Oculto Amor*, p. 7.

sou branco, negro e azul
sou chocolate e vermelho
não serei uma coisa nem outra.

E, no policrómico cavalo, vejo
o arco-íris intenso dos céus
na textura agreste das pedras
vejo de perto marrabenta e fado
espelhados no tango e no jazz
que swingam para meu prazer.

Sou som daqui e som de longe
ghettos favelas bairros-de-lata
caniços que trespassam a alma
coração e angústia pelo chão.

Sou som sou baile do palace e Polana
da Mafalala e Zambi e Peter's
sou eléctrico, sou carvão e chama
sou hockey basquete e futebol
sou amante trépida e ternamente
rico na relação com o desejo
vestido ou não, depende do ensejo,
sou belo nos traços do meu corpo
e grego sendo serei talvez de roma
serei tudo isto, ave e nada sou.

Surrealista embrulhado no cacimbo
amante à espera que venhas acessível
e nua, caçadora do meu fulgor
meu sentido de ironia e d'humor
minha angústia, meu amor, poesia.

E tudo é tão diferente sendo igual
que quando estou dentro de ti sou eu
sem deixar de o ser quando liberto
em cada minuto, solidão deserto
em cada gota de sangue uma explosão.

Sou branco, das ilhas, negro e azul
sou eu, sou igual sou diferente
não serei uma coisa nem outra

sou de carne e serei de papel
no babel de teus dramas sou pequeno
grande serei se me pedires, poesia.

L. M., 1952

Quem o conhece não deixa de perceber que há nele uma especial beleza interior, que se conjuga com a exterior, no seu tom de voz, na curiosidade infinita dos grandes olhos azuis, no traço meio oriental que, por baixo deles, os torna muito brilhantes, no constante e aberto sorriso, no ar meio dândi, meio rêveur, como se apresenta, na sua constante actividade de sedução quotidiana, na busca generosa dos amigos, nos tributos que a sua escrita lhes faz pelas dedicatórias inúmeras, pela evocação dos lugares, das paisagens, dos momentos, únicos, que ele tenta eternizar pela escrita.

Ler a poesia de Virgílio de Lemos é simultaneamente ler uma época, do tempo colonial em Moçambique, de uma geração de artistas em movimento de contestação, revisitando-se ambientes marginais da cidade, um quadro de «personagens» e acontecimentos que tiveram lugar nas décadas de 50 e 60 e que a sua poesia, de forma destruidora-renovadora, traz ao leitor.

ZAPUNGANAS E ZAPATAS DESCERAM DOS GHETTOS

Zapunganas e zapatas desceram
dos ghettos da periferia às cidades
e desapareceram volatilizados
invadiram como por encantação
os quartos onde os meninos sonham
galopes coloridos e livres
em planícies e planaltos
nem o cavalo doma o cavaleiro nem
o contrário e é a cor no movimento
quem desenha a espiral da vertigem
entre os personagens e o irreal...

Caniços e matopes dos ghettos
ressurgem diferentes na minha visão
de cidades dos contos d'Ali Babá
mulheres e crianças na algazarra
dos bazares como cigarras num fundo

de céus vermelhos, gritos
contra o vai e vem do formigueiro humano
os homens cavalgando pelos matos
em busca de caça e novos sons musicais
novas formas e dádivas para as cítaras.

Zapunganas e zapatas fundam
novos frémitos contra a monotonia
da paisagem, turbilhões de cores e traços
e sons exprimindo este país espiritual
que nasce e vive já outros infinitos
na disciplina cíclica da revolta
dos cavaleiros visionários sem montada!

D. G., 1954

Posteriormente, a partir de 1963, a sua errância-exílio, vai fazê-lo viajar pelo mundo, real e literário, em geografia de roteiros múltiplos, Paris, Barcelona, Índia, Brasil, Cuba, Itália, Lisboa, numa procura da ilha esplendorosa, evocação redundantemente solfejada, e matricial, da simbólica ilha em que nasceu, a ilha do Ibo, que é, também, em simultâneo, todas as ilhas moçambicanas, pontos de fuga e acolhimento, Quirimbas, ilha de Moçambique.

TU MEU DADA GALA-GALA AZUL

Tu meu Dada Gala-Gala azul-violeta
e Eu tão frágil quanto uma ave marinha
vamos buscar asilo nas ilhas índicas
é pra nossa fuga que elas existem
(cintos de salvação que deus fez
pra nossas almas e pra geografia)

é lá que se vive sem rei nem roque
d'ilha em ilha cálice em cálice boca
em boca: haverá só céu e cada um é livre
d'engolir vivo aqueles que ama, mesmo bicho,
na condição de devolvê-lo inteiro
no primeiro soluço, e final da vertigem.
É tempo. Dada Gala-Gala azul-violeta.

V. L. & D. G., 1956

Também em outro poema, intitulado «Na cabritíssima aventura das ilhas», se lê: «porque as balas atiram a matar: / fora das ilhas e do sonho / as emboscadas multiplicam-se / nas cidades e ghettos da periferia.» Estas ilhas-ilha são sonho, Pasárgada, terra prometida, lugar de desejo e de liberdade, de fraterna convivência entre os homens, ilha dos amores, da erótica de um tempo desejado de bem-aventurança, eterno e utópico. Segundo as palavras do próprio autor: «Virgílio de Lemos foi sempre mais mar que ilha. Ilha que se desloca, que se multiplica em busca de outras vivências, imaginações, sonhos, práticas.»²

Ler a poesia de Virgílio é também reconhecer o seu papel inovador, transformador, na poesia da sua terra natal, Moçambique. A vertigem antropofágica dos poemas decorrentes de Msaho contribui para fazer da década de 50 uma época em que o modernismo, a exemplo dos brasileiros, ganha uma dimensão transgressora e revolucionária, através da desconstrução da linguagem, da denúncia da opressão, e verifica-se que o erotismo e a energia da combinação insólita de imagens, surrealizante, assumem um fundamental papel iconoclasta e libertário.

[...]

o negro e o branco dominam pautados
de neo-realismo e cocktails de natas
d'américas europas e brasis...
todos somos livres pelo menos no modo
de construir o poema e d'escolher
com quem dormimos no fim de semana
vitórias da mafalala e da polana...

V. L. & D. G., 1957

Há no poeta uma dimensão neo-romântica e, simultaneamente, anárquica que o impede de submeter-se a qualquer lógica ideológica de compromisso ou de sujeição. Os valores estéticos e a procura de uma dimensão universal, sempre presentes nos seus vários experimentalismos de escrita, visíveis em muitos dos poemas inéditos, escritos a partir da década de 50, e publicados neste volume, tornam-se, a partir do exílio, uma procura inexorável e, de certo modo, até, uma forma de vida.

² In *Eroticus Moçambicanus*, p. 143.

A VIAGEM PELA LITERATURA

Consciente da sua pertença a uma história da literatura, a moçambicana, Virgílio de Lemos recupera intertextualmente, integrando a herança, ao longo dos seus poemas, a memória de um grande poeta, Reinaldo Ferreira, e a sua importância enquanto legado literário, e exemplo poético, de uma geração, em pleno processo de mutação, relativamente aos valores estéticos e de escrita. Espécie de alter ego do poeta, Reinaldo acompanha a poesia de Virgílio, fantasmaticamente, ao longo de décadas e de inúmeros poemas, um livro em processo, como figuração da própria poesia e, dentre esses belíssimos poemas, destaque-se «O vagabundo etéreo»:

O VAGABUNDO ETÉREO

Dirás que há muito me interrogas
sobre o poeta morto na cidade que te viu crescer,
aquele que a vida devorou antes do fim
etéreo e efebo,
de cabelos desgrenhados e um ar
de Rimbaud,
aquele que fugiu às glórias da poesia
e esquecido de si mesmo
se esquivou.

Dirás que teve a vida que quis
e a morte que escolheu, na vertigem
que sonhou,
que entre sol e sombras naufragou
impregnado de imortal
e da beleza maldita dos malditos,
retrato d'Artaud, por aí
esquecido.

Sei que no seu olhar lê todo
o que eu dissesse,
da volúpia dos seus dias,
da inquietação do seu corpo,
da sua fome de Amor.

Dir-te-ei que habitam seus versos
a luz dos infernos,
o segredo da imediatez das coisas,
a helénica voz do ser
no sofrimento e beleza
do que crias.

Dir-te-ei que embora morto, vagabundo
etéreo, ele se passeia,
anónimo de iguais, convidado
da noite, alternativa
e perplexa.

V. L., Lisboa, 1989

Em dois momentos deste vol. 1 da sua poesia, Jogos do Prazer, na segunda parte, com as odes de A Dimensão do Desejo e Utopia até Morrer, há uma espécie de percurso e tributação à memória dos poetas e dos textos da literatura portuguesa, francesa, inglesa, oriental, latino-americana, moçambicana, que mais marcaram Virgílio de Lemos em termos criativos. Essa quase vertigem de nomeação, em que a ode, múltipla e multiforme, evoca, Elliot, Mallarmé, Pessoa, Padre António Vieira, Camões, Cesário Verde, J. L. Borges, Manuel Bandeira, Omar Kahyam, Rui Knopfli, Noémia de Sousa, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, entre outros, marca, em compasso evocativo, nos cerca de quarenta poemas, um desejo de afirmação da modernidade da poesia moçambicana, bem como da maturidade local desta, lado a lado com os grandes poetas universais.

Por outro lado, a sua recusa de qualquer tipo de dogmatismo ideológico, bem como a sua visão fraternal de um país sem divisões raciais, leva-o à escolha de um título como Negra Azul, ou à escrita de poemas como «De neo-realismo e cocktails de natas», «Uma temática negra», ou «Porque as línguas são todas estrangeiras», percebendo-se que a sua luta anticolonial é, simultaneamente, uma luta contra todo o tipo de opressão, seja no campo ideológico, racial ou estético. É esta profunda consciência e ecletismo do poeta na sua escrita, em que a dimensão surreal se alia ao gosto desconstrutivo, que faz dele um guardião da liberdade e da modernidade artísticas, sua contribuição maior para a singularidade da poética moçambicana.

PORQUE AS LÍNGUAS SÃO TODAS ESTRANGEIRAS

Não serei mais social que dantes
nem menos romântico ou lírico
na essência das palavras vivo
o segredo dos anátemas, das blasfêmias,
cada reflexo é um espelho singular
ilusório como a viagem, cada viagem
eterna procura de um sagrado fundo.

Não serei mais social que dantes
quando sou poeta ronga ou chope,
ávido de xigubos e msahos,
xipalapalas no convite à guerra
civil das palavras, por enquanto,
eu ávido doutras línguas e verdades
na simbiose com aquela que manejo.
[...]

V. L.

BIOGRAFIA E BIOGRAFEMA

A escrita do poeta é também uma narrativa e percurso da sua vida, por isso, Virgílio de Lemos se inscreve, enquanto sujeito e quase «personagem», na inventariação das peripécias da sua história. O poema «Insólito, um espanto espantado de si mesmo», que abre este volume, dedicado a André Breton, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto e sua mãe, Ilda, inicia o auto-retrato do poeta, o enquadramento político-social-artístico do ano de nascimento, 1929. As múltiplas e mestiçadas origens familiares, em triangulações, os acontecimentos mais relevantes da época:

3.

Quando eu nasci em vinte e nove tesoureiro dos CFM
meu pai João jogava xadrez com o Mário, pai do Rui e da Lara,
todos Pereiras, Lemos, Mendes, judeus da ruptura,
como Leiris e Pessoa atentos aos botões da camisa,

ao chapéu de feltro e ao Panamá camisa de seda alpacas inglesas triangulações Lisboa-Haia-Veneza, Ibo-Goa-Rio, todos universalistas, bem mediterrânica melancolia no olhar.

4.

Quando eu nasci em vinte e nove temporalidade sem tempo sem antes nem depois kimwane-persa Salomé meio cega falava na Babilónia Constantinopla, Sevilha, barrocos, sedas e talvez por isso guarde em mim este ar de espanto espantado de si mesmo, borgiano, como se adivinhasse as coisas ávido de liberdade, corpo interior solto, sereno face à morte seio, exuberância, gozo em mim dos deslimites.

Como o poeta afirma, em várias entrevistas, além da herança lusitana, vinculada à cultura ocidental, tem longínquos traços culturais do Oriente, legado da ilha de origem, Ibo, território habitado por árabes, muito antes da vinda dos portugueses, com uma população em que a mestiçagem afro-oriental pontificava. Foi para Lourenço Marques com três meses de idade, onde cresceu e fez os estudos liceais. Entre 1948 e 1951 frequentou descontinuadamente a Universidade Wits, de Joanesburgo, onde frequentou o bas-fond do jazz negro sul-africano, tomou contacto com a discriminação e o apartheid, oscilando na triangulação de viagens entre Lourenço Marques, Joanesburgo e Durban, cidade da infância do poeta Fernando Pessoa, de quem foi leitor ávido e cujo processo de dramatização de máscaras sempre o fascinou.

Em 1952, lançou em Lourenço Marques Msaho, uma folha literária amarela, cujo aspecto gráfico era inovador, de número único, porque a censura não permitiu a sua continuação. A apresentação era feita pelo fundador, Virgílio de Lemos, e colaboraram neste número vários poetas moçambicanos, como Noémia de Sousa, Alberto de Lacerda, Duarte Galvão, Reinaldo Ferreira. Este último poeta e Augusto dos Santos Abranches estiveram ligados ao projecto da publicação, segundo Lemos.

Com informações mais recentes, dadas em algumas entrevistas e conversas pessoais, Virgílio de Lemos explica que o projecto de Msaho, descontinuado, mas com vários números planeados, era uma ruptura, com avidez devoradora, uma espécie de antropofagia cultural, tanto à maneira dos modernistas brasileiros, como das vanguardas europeias e, em simultâneo, uma ruptura com a literatura

colonial. O título utilizado, Msaho, em chope, ritmo, canto, dança, composição poética, foi também desejo de exaltação e inovação da cultura local, entrosando-a com a modernidade.

São vários os poemas escritos com este título, e o enunciado das propostas de Msaho, realizados textualmente, como se pode ler em diferentes poemas deste volume.

MSAHO 1

(*msaho*, ritmo, estética
sobretudo ética
de um movimento,
novas sobrevivências
contra o sobreviver,
o tédio a concentração
dentro e fora
do espaço colonial
caleidoscópico cultural
antropofágico
à maneira dos paulistas
modernistas,
lúdicos arcos,
enfunadas velas
na busca d'espacos
não visitados do corpo
e da alma,
incoerência e lucidez
na vertigem, *msaho*)

A publicação em 1960 de *Poemas do Tempo Presente*, de Duarte Galvão, foi apreendida pela Pide e, em virtude disso, o cidadão e poeta Virgílio de Lemos foi preso e julgado, por duas vezes, por causa do seu heterónimo militante, nomeadamente acusado de aquele ter insultado a bandeira nacional, por a ela se ter referido como «kapulana vermelha e verde».

MEU CADASTRO

Tenho bigode e barba
como Fidel
mas não sei

nem quero
lançar uma granada
disparar bazuca.
Contudo
olhando-me assim barbudo
carrascos d'importação
trocam sorrisos alvares
e gritam: traidor!
É já ritual
«terrorista», «comunista»
esquecem o «romântico»
«anarquista» «utópico»
(mas de subversão)
«futurista»
é já ritual
fácil de reter
escutei-o sereno
com a mesma altivez
com que me deixei
esbofetear
na primeira manhã...
tenho bigode e barba
como Fidel
mas não serei guerrilha
nem cartilha:
meu cadastro
é minha poesia.

D. G.

Esteve catorze meses na prisão, que lhe permitiram um contacto directo com prisioneiros vindos de outras partes do país, nomeadamente de Mueda, e ao mesmo tempo tomar uma consciência ainda mais nítida do estado de opressão colonial. Podemos observar que são significativamente numerosos os poemas tanto de Duarte Galvão como de Virgílio de Lemos resultantes desta experiência prisional.

ZACARIAS WANOMBA
(MUEDA)

No planalto ninguém
veio reclamar
abandonadas bicicletas

mas os ressuscitados
deram entrevistas
na Tanzânia

a polícia diz sempre
que não é bem assim
que ninguém morreu
mal encontrada receita:
para reduzir o vulcão
a ditadura subestima
a força dos mortos
capaz d'impossíveis.

Novos poemas talvez
possam pedalar bicicletas
sem dono no planalto.

Vertical ser a nudez
do poema
e da tua narração
Zacarias, mesmo
que caminhes a pé
de pés descalços
contra o pelotão d'execução.

V. L.

Saído de entre muros, depois de um ano e meio de liberdade vigiada, incapaz de suportar o clima de opressão colonial, optou pelo exílio, indo no final de 1963 viver para Paris. Isto, a uns meses de ser declarada a guerra colonial em Moçambique, já pressentida na violência dos Poemas da Prisão, Entre Muros e Vozes Dissonantes.

Os poemas de temática social de Duarte Galvão nunca se ausentam de uma voz, simultaneamente pessoal e lírica, a sua enunciação reclama uma dicção original, por vezes quase escandalosa para a época, impossível de ser limitada por qualquer ideologia. Observamos também que a componente lírica de Duarte Galvão se expressa em muitos dos poemas dedicados a Lee-Li Yang, o heterónimo feminino, dialogando com ela, e muitos deles são também poemas da época em que esteve encarcerado.

Grande parte dos poemas escritos na prisão, ou após a experiência dessa fase, mostram a impossibilidade de silenciamento da denúncia. Porém, esta preocupação nunca é maior do que o desejo de exigência lírica, em que a estética é a primeira determinante da sua poesia.

eu-comboio-de-qualquer modo parto
extenuado de farsa
e de rotina
embora a travessia imemorável
multirracial de rigor
do Cabo a Alexandria
por excesso de fantasia
risque
de terminar como sempre
num ponto luminoso
de palha do teu céu
palhota-maticada-mãe
salgado-mar-vaginal
[...]

D. G.

CRITÉRIOS DE ORGANIZAÇÃO DO VOLUME
JOGOS DO PRAZER — VIRGÍLIO DE LEMOS
& HETERÓNIMOS: BRUNO DOS REIS,
DUARTE GALVÃO E LEE-LI YANG

Apesar de ter começado os seus primeiros poemas em 1944, a maioria dos textos escritos por Virgílio de Lemos até à década de 60 permaneceu inédita, em grandes pacotes de folhas A4 dactilografadas, reunindo diferentes projectos de livros, assinados por Virgílio de Lemos e heterónimos.

A primeira publicação impressa do autor foi a obra do seu heterónimo Duarte Galvão, Poemas do Tempo Presente, em Lourenço Marques, em 1960. Em Paris, onde se exilou a partir de 1963, publicou três volumes de poesia, em língua francesa, assinados por Virgílio de Lemos, nomeadamente, Objet à Trouver (La Difference, 1988), L'Obscène Pensée d'Alice (La Difference, 1989), L'Aveugle et l'Absurde (La Difference, 1990).

É só a partir de 1999 que volta a publicar em português dois livros, em Maputo, pela AMOLP, o primeiro intitulado Negra Azul (1944-1963), o segundo, Ilha de Moçambique — A Língua É o Exílio do Que Sonhas (1952-1961), os dois volumes prefaciados por Américo Nunes.

Quase em simultâneo, no mesmo ano, foi lançada no Brasil uma antologia da sua poesia pela Editora Nova Fronteira — Eroticus Moçambicanus — Virgílio de Lemos & Heterónimos (1944-1963), organizada e apresentada por Carmen Lucia Tindó Secco, com um prefácio de Mia Couto e um posfácio de Fernanda Anjius.

Em 2000, publica em Coimbra (Minerva) Lisboa, Oculto Amor, prefaciado por Américo Nunes, e em 2001, em Lisboa (Instituto Camões), o volume Para Fazer um Mar, prefaciado por Luís Carlos Patraquim.

O presente projecto de edição vai procurar reunir em dois volumes a obra do autor. Este primeiro volume reúne uma parte considerável da publicação édita e inédita escrita entre 1944-1963 e entre 1951-2003. Resulta este projecto da necessidade de dar a conhecer uma obra poética notável, dispersamente publicada, de um autor moçambicano, a exemplo do que já foi feito com a obra de Rui Knopfli, ou com a de Glória de Sant'Anna, ou ainda com a de Alberto de Lacerda, na INCM.

Para além de constituir uma referência indispensável para o estudo da literatura moçambicana, a obra de Virgílio de Lemos é, sem dúvida, património das literaturas em língua portuguesa, pela sua dimensão intertextual e simultaneamente pela sua vertente universal.

A antologia brasileira Eroticus Moçambicanus, fruto de trabalho aturado da professora brasileira Carmen Tindó e da professora Fernanda Anjius, foi um passo importante para a actual edição, uma vez que reuniu cronologicamente alguma da poesia inédita, cedida pelo autor, apresentando-a criticamente, e faz-se acompanhar de uma entrevista realizada ao poeta, em que ele fala sobre o seu processo criativo, sobre a heteronímia e passos da sua biografia.

O primeiro volume desta edição da obra do poeta, intitulado Jogos do Prazer — Virgílio de Lemos & Heterónimos: Bruno

dos Reis, Duarte Galvão e Lee-Li Yang, reúne uma grande quantidade de textos por publicar até hoje e tenta obedecer a um percurso cronológico e epocal.

A organização e sequência dos poemas exigiu um trabalho demorado, porque, com o passar dos anos, o autor modificou alguns títulos, acrescentou, em alguns casos, outros poemas, o que criou uma espécie de viagem de leitura labiríntica, no meio de textos, uns informatizados, com diferentes versões, outros fotocopiados em centenas de páginas. Projectos feitos ao longo de décadas, suspensos na sua programação editorial.

Tivemos, para a realização deste projecto, acesso a um índice, e também a grande parte das cópias dos poemas que o acompanhavam, organizado pelo autor, em 1985, altura em que programava a publicação dos seus livros inéditos, que nos permitiu orientar a sequência quase labiríntica de poemas e datações.

Não é uma obra completa, uma vez que houve uma selecção, que o autor permitiu, de textos dos vários livros inéditos, por ele programados.

Esta escolha deveu-se a vários motivos: primeiro porque, dada a extensão do material do autor, tornava-se difícil a inclusão de todos os poemas; segundo, porque provavelmente há outros textos, que o poeta na sua generosidade vai fazendo e oferecendo, outros publicados, ao longo de quase meio século, em jornais ou revistas, nem todos compilados, mas alguns incluídos nesta selecção, que não permitiriam que se designasse a publicação destes dois volumes por obra completa.

Outros poemas haverá ainda dispersos na sábia desorganização do poeta, na sua casa, na sua imaginação, nos seus cadernos preciosos, manuscritos em contínuo devir de escrita. Quanto à ortografia dos poemas, ela foi actualizada, mas respeitada a pontuação, de acordo com a cópia dos textos, em papel ou disquete, que o autor nos entregou.

A primeira parte deste primeiro volume começa com o livro *Negra Azul* (1944-1963), editado em Maputo, em 1999, com o nome de Virgílio de Lemos, mas, na realidade, da autoria de Duarte Galvão, de acordo com a informação do poeta, o heterónimo mais comprometido socialmente que faz parte da constelação poética do autor.

ÍNDICE

Vol. I

«Uma poética múltipla», por ANA MAFALDA LEITE	7
---	---

PRIMEIRA PARTE

(1944-1963)

Quando eu nasci a vinte e nove, espanto meu	37
---	----

Negra Azul (1944-1963) — Duarte Galvão:

Os teus retratos, L. M.	41
Viagem pela rua dos casinos	42
<i>Na solidão que o Infinito</i>	44
Lourenço Marques	45
Fim de tarde em L. M.	47
<i>Na violência</i>	50
<i>As brasas queimam</i>	51
<i>Uma coisa em lugar</i>	52
Lourenço Marques, miradouro	53
O mais feminino pôr-de-sol da minha infância	58
Poema à cidade	60
Pensamento msaho	64
Msaho da música luminosa	65
O tempo de msaho	66
Antropofagia delirante	67

Sacanice inventiva	69
Artificialmente	71
<i>Aqui nasci</i>	72
Memória, magia e corpo	73

Primeiros poemas:

Folhas d'Acácias (1945-1958) — Virgílio de Lemos:

Folhas d'acácias	79
Uma outra música	83
<i>dentro do tempo é o tempo</i>	84
A voz dos mortos	85
As chuvas de Fevereiro	86
<i>O dia morre</i>	87
<i>Entrar no espanto da eclosão</i>	88
<i>Na transparência da palavra</i>	89
Até que a memória faça o resto	90
<i>É da incerteza</i>	91

Kalahari — A Voz do Deserto — Fragmentos (1950-1951) — Bruno dos Reis:

Pela tua mão um cego	95
<i>Tivesse eu esquecido Amor</i>	96
<i>Na irregularidade do caminho</i>	97
<i>A palavra é subversão</i>	98
Poema para Reinaldo Ferreira	99
<i>A «Sonata incompleta» de</i>	100
Bach sinfonias	101
<i>O deserto é também</i>	102
<i>Nem primavera nem</i>	103
Na minha ternura recolherei a tua solidão!	104
Entre a palavra e a poesia	105
Sons irreais	106

Construir o Poema: Abraçar o Irreal (1951-1954) — Virgílio de Lemos:

Descabelado um deus e o poema	109
Elegias musicais	110

<i>A concha que povoa</i>	112
<i>Labirintos deste</i>	113

*De Profundis (Amor e Morte), O Pássaro Que Embarcou na
Elipse e Jazz & Blues (1951-1954) — Duarte Galvão:*

De Profundis (Amor e Morte):

O drama de ter nascido	117
<i>Sendo desejo e</i>	118
Oroboros	119
<i>Esplendor que a mão</i>	121
<i>Entre vida e morte</i>	122
Entre o desejo e a morte	123
<i>Dentro de ti</i>	124
<i>Frágil e fugaz</i>	125
Carta a minha mãe	126

O Pássaro Que Embarcou na Elipse:

O pássaro que embarcou na elipse	128
Flor de canela	131

Jazz & Blues:

A alma sonâmbula do jazz	132
Receita de piano-jazz para caril de camarão	134
Doce de coco mandioca — <i>Its funny that way</i>	136
Um blues is born	137

Mar de mim: Coração de Gozo (1952) — Lee-Li Yang:

Acontece que na tua ausência	141
Deixa-me ser eu	142
Todo o mar em mim	143
Todo o meu desencanto	144
O mar em mim	145
Sagrado coração de meus anseios — I	147
Sagrado coração de meus anseios — II	149
Tu insistes queres orgias	150
Submersa voz de mim	151
Do outro lado do mar — I	152
Do outro lado do mar — II	153
Hora da verdade	154

O sonho de Lee-Li	155
A solidão do mar	156
Mar de corsários meus sonhos	158
Se partes serei luto	159
Entre folhas douradas	160
Morangos no quintal?	161
Encontro a duas bocas	162
Minha marrabenta será tua se quiseres	163
Eu choro eu choro	164
Na espiral do sonho	165
Meus medos	166
Entre íbis e garças	167
Nunca é tão simples	168
Nada de sublime	169
Reflexão na cama (três sonatas)	170
Fragmento	172
Se é o teu corpo quem se... ..	173
Quatuor do meu índico	175
Irreverência? Não. Caprichos da noite	177
Vulva da sabedoria do tempo	179
Mar oceano da criatividade	180
A manga se afasta da faca	181
Nem serei Florbela nem tu Pessanha	183
Um coração de gozo!	184
O coração perdido deste sempre?	185

Dois Poemas de Msaho e Desordem na Poesia — Fragmentos, Msaho e Outros Poemas (1951-1955) — Duarte Galvão:

Dois Poemas de Msaho:

Nenhuma dúvida é tão cruel	189
A solidão se afunda na nudez da alma	190

Desordem na Poesia — Fragmentos 191

Msaho e Outros Poemas:

<i>His master voice</i> , a preto e branco a cores de carnaval	199
Zapunganas e zapatas desceram dos ghettos	201

Msaho 1	202
Msaho 2	208
Acessível e nua, poesia	212
[Sem título]	214

Inéditos (1952-1958) — Virgílio de Lemos & Duarte Galvão:

Gramática do magaiça — Exílio	225
No meu bandolim de bilros	231
Vestida, calçada e penteada	232
Cabeça de peixe	234
Tu meu Dada Gala-Gala azul	235
Na cabritíssima aventura das ilhas	236
De neo-realismo e cocktails de natas	238
Cauda de crocodilo José	240
Mãe: fiz-te sempre perguntas terríveis — Autobiografia	242

Café de Cais — Poemas (1959) — Duarte Galvão:

Para lá da fenda... ..	247
Teu postigo vai de táxi	248
Um olho triplo	249
Ateu teu álibi?	250
Sem contrapartida	251
E pelo menos poema em ti morrer	254
No bar da Riviera	256
A fotografia sépia	258
É nos vértices que o vórtico é voraz	260
No meu caleidoscópio deformante... ..	261

Alguns Poemas do Tempo Presente (1951-1960) — Duarte Galvão:

Poema da minha infância	265
Cantemos com os poetas do Haiti	266
Paisagem	267
Native song n.º 1	269
Cais de angústia	272
Heterónimo	273
Moça perdida	275
Emily, the old prostitute	276

Msafo (de Evocação), Poemas da Prisão e Ideogramas (1954-1962) — Duarte Galvão:

Msafo (de Evocação):

Fantasia do humor	281
Trópico e barroco — Fulgurâncias da poesia	293
Poesia air line castle line e clan lines — Negra Fulô!	296

Poemas da Prisão:

Msafo do meu silêncio ou a voz da poesia	298
Na evocação a Klee e Helena Vieira da Silva	300
A morte de Alexandria	302
A noite por ti espera	304
Ser livre de... ..	306
Sapos de assimilação?	308
Exacerbo-me	310
Negro azul do Tingolé	312
Olho celular	314
Olho de vidro	317
Meu cadastro	318
Rock torturado	319
Angústia	321
Não sei se estaremos vivos para contar	322
Perverso jogo	324

Ideogramas:

Ideograma (cavalga sobre a palavra)	325
Chaves do léxico colonial — 1 — Escultura makonde	326
Chaves do léxico colonial — 2 — Variação em b menor	327
suArt	328
Léxico para jovens amantes — Clito 2	329
Léxico para jovens amantes	330
Ideograma (metapsicologia do meu chapéu de abas largas)	331
Rapsody in bombas	332
Baobás futuristas	333
Império colonial dos fora-da-lei	335
[Sem título]	336
Contra o poder	337

Haikus entre Muros e Entre (Invisíveis) Muros (1962-
-1963) — Duarte Galvão:

<i>Haikus entre Muros</i>	341
<i>Entre (Invisíveis) Muros:</i>	
Teatral o verbo	347
Meu sonho antigo	348
Abandono da linguagem	350
A peste	351
Horóscopo do seu fim	352
Piripiri de conversão	353
Um sol d'água	355
Receita (de cheirinho) para Elisabeth Arden	356
Do outro lado do gesto	358
Obstinados champagnes	359
E abriu um olho de sono... ..	360
Cauda coração d'ave língua que se cuspiisse	362
Tu és fábula... ..	364
Metamorfose	365
<i>Alma</i>	366
Espaço do verbo	367
Meu sonho antigo	368
Abandonos da linguagem	370
Quebrando a apatia	371
Três leões	373
Preconceito morto directo à alegria	374
Itinerário submarino	375
Utopia: quebra-nozes tropical	376
A solidão se afunda na nudez da alma	379
Um torrão de açúcar em dois dedos de pudor... ..	380
Procura-se: a diferença	384
For black's only	386
Eroticus Moçambicanus ou O comboio da luxúria	387

Vozes Dissonantes (1960-1963) — Virgílio de Lemos:

Faca de três pontas (o estrangeiro)	393
Meu efémero prazer	395
Atravesso o quarto a rua o tempo	397
<i>gratificante teu sorriso, teu beijo teu desejo</i>	398
Paisagem tropical	399

<i>Na cidade tropical, a noite</i>	401
Uma temática negra	403
Porque as línguas são todas estrangeiras	407
Mortos se não formos nós...	409
À medida dos homens...	411
Tua língua e teus lábios	413
Homem do rickshaw	415
Mueda	417
Mueda	419
Zacarias Wanomba (Mueda)	421
Aqui e lá longe	422
Conspiração a bordo de um navio de guerra	424
Estás velho velhíssimo Portugal!	426
O manifesto dos sete milhões de dedos	428
Mabandido ou desafio à ordem colonial	430
Imagens do Apocalipse (2)	434
Imagens do Apocalipse (3)	435
<i>Nos teus lábios fecundados</i>	436
Alfabeto do desejo	437
Elegia ao nada fazer	439
Bacchus, Klee e um seio...	442
Fantasia musical	443
Impurezas tropicais ou andradomanias	445

A Dimensão do Desejo (1951-1996) — Virgílio de Lemos:

1 — Odes — Entre o naufrágio e a volúpia, desnuda a luz:

Ode a Fernando Pessoa	451
Ode a Sá-Carneiro	452
Ode a Camões	453
Dor de corpo inteiro	454
Ode ao Portugal de Pessoa	455
Teu olho fixa a bruma	456
Ode a Cavafy e Ulysses	457
Ode a Bocage	458
Mendigo de mil pátrias	459
Ode ao Padre António Vieira	460
Ode a Jorge de Sena	461
Ode ao Guerra Junqueiro	462
My dear T. S. Elliot	464
Ode a Júlia C., lembrando Yeats e T. S. Elliot	465
Meu querido Mallarmé	466

Ode a Sade	468
Campos magnéticos do mar	469
E do silêncio nasce a música	470
Ode a Cecília Meireles	471
Duas odes a Noémia de Sousa	472
Nova ode a Fernando Pessoa	473
Ode a Kerouac e Pessoa	474
Ode ao Manuel Bandeira	475
Ode a Reinaldo Ferreira	476
Ode a Camões e Fernando Pessoa	477
Odes a Rui Knopfli	478
Nem tudo o que é luar será brancura	480
Ode primeira para Cesário Verde	481
Segunda ode a Cesário Verde	482
Terceira ode a Cesário Verde	483
Quarta ode a Cesário Verde	484
Quinta ode a Cesário Verde	485
Sexta ode a Cesário Verde	486
Sétima ode a Cesário Verde	488
Oitava ode a Cesário Verde	490
Murmúrios e segredos	491
Que marginal apetecesse o sonho	492

2 — *O seio e a bruma* — *Grecidades*:

Sócrates, quanta malícia no teu chá	495
O cemitério é uma partitura	496
Singulares voos ilhas de sal	497
Memória escrita (elegia ao Sol)	498
A simulação dos sinais	499
Chamas do inconsciente	500
Gregamente, olhar o mar	501
Entre o vazio e o absurdo	502

SEGUNDA PARTE

(1951-2003)

Utopia atÉ Morrer ou Entre a Esperança e o Sentido

(1951-2005) — Virgílio de Lemos:

Luz que inunda o teu sonho	507
O tempo e o pôr-do-sol	509
Pela tua poesia todos de luto	511

O erotismo das sombras	512
Amor sem gestos	513
Pétalas da linguagem	514
Evocações sem medo	516
<i>Sou sonhador. Distraído. Sem</i>	517
<i>Inquietante escriba tanta ousadia</i>	518
De olhos esbugalhados	519
Desfolhado jaz um deus	520
Tercetos do não pensar	521
O silêncio da poesia	523
Surrealismo cor de liberdade	524
Sossega meu poeta	526
Saibamos fugir à rotina	527
Elegia em Florença	529
Luz grega d'Alexandria	531
Metafísica de trazer por casa	532
<i>Se se afasta o sorriso</i>	533
Fragmentos do teu retrato	534
<i>Não sonhas nem estás</i>	536
<i>Deixamos Março e Abril</i>	537
<i>Longe de mim pensar que não existes</i>	538
Passeio em Barcelona	539
Rosa do meio-dia	544
<i>Rosa tem não</i>	546
<i>Entre a explosão</i>	547
<i>Mensagens e circuitos</i>	548
Pós-moderno o chapéu	549
Outra bola suspensa	550
Prazer pelo prazer	552
<i>Nunca bebia de um ápice</i>	553
Arqueologia da sedução, corpo do desejo	554
Fugitivo coração	555
<i>A rede se tece d'imagens submarinas, breves</i>	556
O vagabundo etéreo	557
Sai uma cerveja à pressão	559
<i>Sei-te vivo ainda</i>	561
Elegia para um poeta morto	562
Toda a raiva dos infernos	563
Aves peixes e putas: a celebração do amor	564
Fluidez do intemporal	567
Máscara grega e nua, haiku	569
Desconcertante a mentira do verbo	571

Vermelhos sobre o Índico (<i>Muhipiti island revisited</i>)	575
In memoriam	576
Uma angústia maior que o mundo	577
Lúdica mão que me persegue	579
Convulsiva meia-noite	581
Nem papas nem profetas e generais	582
Pós-modernidade e morte do indivíduo	583
Aparência	585
Arranca o teu verbo...	586
Estamos ainda vivos? Vivos?	587
Na inconstância da respiração, entre a noite e o amanhecer	589
Anónimo de iguais esteta	592

*Quatuor para José e Maria e as Ilhas de Braque, Klee e
Pancho (1952-2003) — Virgílio de Lemos:*

Quatuor para José e Maria	595
As ilhas de Braque, Klee e Pancho	599

APÊNDICES

Textos da folha literária <i>Msaho</i>	603
Reinaldo Ferreira: esboço de um quase retrato. Os anos 50	615

Acabou de imprimir-se
em Novembro de dois mil e nove.

Edição n.º 1017021

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br